

# **O PENSAMENTO DE UM GUERREIRO: EM BUSCA DA TERCEIRA MARGEM DO RIO<sup>1</sup>**

**PAULO EMÍLIO MATOS MARTINS**

(UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE – UFF; NÚCLEO DE  
ESTUDOS DE ADMINISTRAÇÃO BRASILEIRA – ABRAS/UFF)

*Todo o conhecimento humano começou com  
intuições, passou daí aos conceitos e terminou  
com ideias.*

*A missão suprema do homem é saber  
o que precisa para ser homem.*

IMMANUEL KANT

## **O elo perdido de uma cadeia de pensamento**

Os cinco manuscritos inéditos de Alberto Guerreiro Ramos reunidos sob o título: *Esboço do Livro O Homem Parentético (II) (Scholl of Public Administration / University of Southern California) (1973)<sup>2</sup>*, traduzidos para o português por Francisco Gabriel Heidemann e Ariston Azevedo (2019)<sup>3</sup>, documento este apenso a uma carta que seu autor teria dirigido a Eric Voegelin, em 3 de abril de 1973, como segundo esboço<sup>4</sup> do que seria o roteiro de sua derradeira obra: *The new science of organization: a*

---

1 Este texto desenvolve e aprofunda algumas ideias antes apresentadas em MARTINS, 2017 e 2019. Sou grato a Guimarães Rosa (1962) pela inspiração nessa viagem.

2 Ver a relação completa desses manuscritos nas *Referências* deste artigo.

3 Registro aqui os meus agradecimentos aos tradutores desses manuscritos e ao professor Reginaldo de Souza Santos pela generosidade da doação de cópias dos mesmos a este pesquisador.

4 Daí o ordinal II de seu título.

*reconceptualization of the Wealth of Nations* (1981), parece ser o elo que faltava na decifração da cadeia de pensamento da obra guerreiriana.

Na *Apresentação* de seu livro *A Sociologia do Guerreiro* (1995), Lucia Lippi Oliveira relata o interessante comentário que teria sido feito por um participante em uma de suas palestras sobre o autor de *A nova ciência das organizações*, no sentido de que: “só poderia compreender este autor aquele que tivesse convivido com ele” (Oliveira, 1995, p. 7). E, continua Oliveira: “Nessa perspectiva, por exemplo, as biografias só poderiam ser escritas por contemporâneos, já que a convivência seria fator fundamental. O gênero biográfico teria na memória pessoal o único recurso de reconstituição histórica. [...] A ideia de ser o mesmo ou se *converter* no mesmo acaba por privilegiar a unidade e a identidade em detrimento da diferença” (Oliveira, 1995, p. 7) (destaque da autora). Por outro lado, ao afirmar: “É verdade que Guerreiro Ramos assumiu esse ponto de vista, ao menos em relação aos estudos sobre o negro – só o ‘*niger sum*’ que ele, mulato baiano, podia clamar diante de uma academia branca, lhe permitia falar do negro.” (Oliveira, 1995, p. 8) E conclui aquela autora: “Mas Guerreiro admite também que há uma parte do conhecimento que tem a ver com a genialidade, com a *história pessoal*, o que o leva a considerar ‘a vida intelectual como uma possessão’” (Oliveira, 1995, p. 8) (itálicos deste articulista).<sup>5</sup>

Assim, uma vez que a memória pessoal não é a única fonte de análise na elucidação do pensamento criador e, ainda, que a vida intelectual pode ser uma “possessão”, como nos lembra Ramos no seu, quiçá, derradeiro depoimento público<sup>6</sup>, viajemos, pois, pela riquíssima cadeia de ideias guerreirianas iniciadas com a publicação de *O drama de ser dois* (1937) – coletânea de poesias de sua juventude – até sua obra terminal: *The new science of organization: a reconceptualization of the Wealth of Nations* (1981), traduzida para o português por Mary Cardoso com o título: *A nova ciência das organizações: uma reconceituação da Riqueza das Nações* e publicada pela Editora da FGV no mesmo ano de sua edição norte-americana.

<sup>5</sup> Ver: *Entrevista com Guerreiro Ramos*, CPDOC/FGV em 09/06/1981, (OLIVEIRA, 1995, p. 131-83).

<sup>6</sup> Guerreiro Ramos faleceu em 06/04/1982 – quase dez meses após a entrevista concedida ao CPDOC/FGV.

## Contexto e biografia na Teoria da Literatura

Desde a *Poética* (335-323? a. C.) de Aristóteles a busca por uma explicação para a criação na forma literária vem ganhando crescente importância. Busca esta que perpassa pelas seguintes abordagens: ortodoxia dos *sentidos quádruplos* (lexical, alegórico, moral e anagógico) da análise dos textos sagrados na Idade Média, surgimento do Formalismo Russo do início do século XX, investigação literária estruturalista dos anos 50 e 60 do século passado e a contribuição mais recente de Jules Deluze, Jacques Derrida, Michel Foucault etc., nos anos 70.

Assim como no classicismo difundiu-se o culto à poética grega e romana, no humanismo o autor e suas propostas inovadoras ganharam destaque e a análise literária passou a se debruçar, também, sobre as *biografias, o contexto social e político da época* dos gênios criadores e suas possíveis relações com a criação literária. Surge, assim, a moderna Teoria Literária centrada no autor e sua inspiração biográfica, psicológica ou psicanalítica (Souza, 1987). Consequentemente, passa a ser objeto de pesquisa da crítica a busca pelos fatos e ideias-chave inspiradores, emuladores e/ou explicativos dessa criação e de sua intertextualidade com outras obras de seus prógonos, coetâneos e epígonos. Essa nova perspectiva de análise, ao pretender revelar os elos que, entrelaçados, formam a cadeia de pensamento de um autor, esclarecem e dão o sentido de sua criação.

Neste ensaio retorno aos textos em que postulo ser “parentético” o perfil psicológico do autor de *O homem parentético* (Martins, 2017; 2019); à tese de Ariston Azevedo, *A Sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos* (2006); aos manuscritos inéditos, ora revelados; e à vasta bibliografia guerreiriana em geral, em busca da confirmação do “parentetismo” (homem, atitude, e arranjo social) como “elo-chave” do conjunto da obra do poeta-sociólogo de *A nova ciência das organizações*.

### Uma travessia<sup>7</sup>

Alberto Guerreiro Ramos, afrodescendente de humilde família, nasceu em Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 13 de setembro de 1915,

---

<sup>7</sup> O significante *travessia* é aqui empregado na semiose que Milton Nascimento faz desse referente linguístico no seu poema-musical de mesmo nome (1967).

no contexto sociopolítico do Brasil da República Velha (*Café com Leite*), então governada por Venceslau Brás – 9º. Presidente da República (1914-18). Nesse ano o Brasil declarou guerra à *Alemanha* e participou do I Grande Conflito Mundial (com um grupamento de médicos enviado à Europa e a guarda da costa brasileira). Na região Sul do território nacional, vivia-se o sangrento conflito interno: A Guerra do Contestado (1912-6) que, ao seu final, teria ceifado mais de 10 mil vidas. Ainda nessa década a sociedade brasileira conheceu a nova realidade da popularização do rádio como meio de comunicação de massa, do automóvel, como nova forma de locomoção nas metrópoles e a transformação urbanística destas. Essa década presenciou ainda a secularização da Europa e o surgimento do movimento modernista nas artes.

O então jovem colunista em jornais e periódicos baianos e candidato ao Parnaso inicia sua vida intelectual com a publicação do já referido livro de poesias: *O drama de ser dois* – provavelmente editado e financiado pelo próprio autor – com forte influência da formação católica que recebera de seu orientador intelectual: o frei dominicano Béda Kerkaiser, da poesia de Rainer Maria Rilke, da Filosofia do Espírito de Nicolas Berdiaev<sup>8</sup> e do Humanismo Integral católico de Jacques Maritain.

Em 1939, agraciado com uma bolsa de estudos do Estado da Bahia, onde recém iniciara sua vida como servidor público, Guerreiro Ramos transfere-se para a cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, cursa e se gradua bacharel em Ciências Sociais e em Direito pela Universidade do Brasil, respectivamente, 1942 e 1943, tendo sido esta última formação iniciada ainda em Salvador (BA). Nesse mesmo ano o recém-bacharel tenta ingressar na carreira acadêmica, na mesma Universidade de sua formação, sendo preterida esta sua candidatura no processo seletivo que, ao seu final, favoreceu a Costa Pinto (Sociologia) e Victor Nunes Leal (Ciência Política). (Ramos, 1981 apud Oliveira, 1995, p. 140).

Em uma academia de brancos ou *quase-brancos* (como cantariam mais tarde os seus conterrâneos Gilberto Gil e Caetano Veloso (1994)), este último também santo-amarense, o jovem sociólogo baiano vê adiada sua vocação acadêmica e abandona a Poesia. Nasce, então, o *sociólogo em mangas de camisa*<sup>9</sup>, que muito iria contribuir para as Ciências Sociais do

8 Diante das diversas formas de grafar o nome do filósofo russo autor de *Le Sens de la Création* optei, neste trabalho, pela grafia utilizada em sua obra publicada na França.

9 Mais uma metáfora da verve do autor de *A redução sociológica* (Bariani, 2006).

século XX, e o servidor público federal, que ocuparia diferentes papéis e funções nas três décadas seguintes.

Aceito interinamente como técnico em administração (1943) no Departamento de Administração do Serviço Público (DASP), mais tarde efetivado, mediante aprovação em concurso público com a tese: *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho* (1945) – seu primeiro trabalho sobre Teoria da Administração –, torna-se assessor da Casa Civil da Presidência da República do segundo governo Vargas (1951-4); integra, como pesquisador e professor importantes instituições acadêmicas do Distrito Federal (então sediado na cidade do Rio de Janeiro), tais como: Grupo de Itatiaia, Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP), Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) e Escola de Administração Pública (EBAP) da Fundação Getúlio Vargas (FGV); assume, como ativista, a luta pela igualdade dos direitos civis no Teatro Experimental do Negro (TEN); como colunista, articulista e polemista em diversos periódicos dá continuidade à sua atividade na Imprensa iniciada em Salvador (BA) e, mais tarde, é eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) do então Estado da Guanabara (tendo tido cassados os seus direitos políticos pelo Ato Institucional N°1 da ditadura empresarial-militar de 1964). Não se sentindo seguro em seu país, o sociólogo se autoexila nos EUA, em *Los Angeles*, onde atua na *University of Southern California* como professor visitante, mais tarde professor titular, pesquisador, orientador e professor em programas de pós-graduação, tendo sido agraciado com quatro premiações acadêmicas desta Universidade, entre elas a de melhor trabalho acadêmico do ano.

Guerreiro Ramos faleceu, vítima de câncer, aos 66 anos de idade, em Los Angeles, California, em 6 de abril de 1982.

Dessa conturbada, mas exitosa *travessia* intelectual resta um fecundo legado de reflexões teóricas sobre a sociedade brasileira, seus dilemas e desafios, uma vasta bibliografia que reúne mais de 137 obras (incluindo republicações, traduções e apresentações de um mesmo trabalho) e 71 projetos e pronunciamentos feitos à Câmara dos Deputados (Costa, 1982) durante o breve e interrompido período em que o sociólogo que propunha *desenlatar*<sup>10</sup> a Sociologia exerceu o mandato de deputado federal pelo

---

10 As expressões metafóricas: “sociologia enlatada”, “sociologia importada” e “sociologia consular” são, também, da lavra crítica do próprio Guerreiro Ramos (Bariani, 2006, p.89).

PTB (agosto de 1963 a abril de 1964). Cumpre destacar que, entre outros Projetos de Lei aprovados pela Câmara Federal, esse parlamentar foi o autor daquele que dispõe sobre o Exercício da Profissão de Administrador, aprovado em 4 de setembro de 1963. Em um levantamento posterior Azevedo (2006, p. 362 e segs.) amplia essa bibliografia para um total de 263 referências.

### **Um viajante à procura da terceira margem do rio**

Como sugeri em trabalhos anteriores (Martins, 2017; 2019), é possível encontrar, na criativa cadeia de pensamento formada pelo conjunto da obra literária de Ramos seu *elo-chave*. Dito de outro modo, a ideia que perpassa e liga toda essa cadeia; *elo* este que parece estar no *parentetismo* guerreiriano, como modelo de homem, atitude e arranjo social, desde sua obra inaugural (*O drama de ser dois*, 1937) até sua derradeira obra: *The new science of organization: a reconceptualization of the Wealth of Nations* (1981), como veremos adiante.

Em sua tese de doutoramento em Sociologia Política (UFSC), Ariston Azevedo (2006) argumenta, com louvável rigor científico, a propositura do Antropocentrismo da Sociologia de Alberto Guerreiro Ramos.

Tanto nos citados textos anteriores (Martins, 2017; 2019) como em Azevedo (2006) esse *parentetismo* seria um reflexo da dialética do drama da existência humana na incessante procura pela síntese: vida-morte, liberdade-prisão, alienação-consciência, ação-inação, utopia-quimera. Síntese esta que se resolveria somente através da atitude consciente advinda da *suspensão* que se deixa fluir no enfrentamento da viagem rumo à *terceira margem do rio*, como no conto de Guimarães Rosa (1962).

Embarquemos, pois, nessa *canoas* roseana e, *elo a elo*, percorramos a cadeia do pensamento de Guerreiro Ramos. Para tanto, definamos antes quais *elos* dessa cadeia serão aqui analisados, de modo a percorrer um roteiro verdadeiramente representativo do conjunto das mais de duas centenas e meia de títulos dessa obra.

João Marcelo Maia (2012), em artigo que busca *desprovincializar*<sup>11</sup> a imagem acadêmica de Guerreiro Ramos e relativizar as frequentes menções aos *nacionalismo* e *isebianismo* como “chaves de leitura para a sua obra”

---

11 A expressão é do autor.

(p. 266), estabelece “quatro fases de recepções e reputações do Guerreiro”, a saber: “Período Inicial” (1950-60) – polêmica com Florestan Fernandes e crítica à Sociologia que então se fazia no Brasil; “Segundo Momento” (1970) – trabalhos com forte orientação crítica ao pensamento nacionalista pré-1964; “Terceiro Momento” – Seminário Internacional Guerreiro Ramos (FGV, 1982), evento este que reuniu vários ex-alunos, estudiosos e notórios admiradores de sua obra; “Último Momento” (1990 em diante) – “quando trabalhos na área de Administração e Ciências Sociais voltaram seus olhos para a singularidade da produção intelectual de Guerreiro, reposicionando o autor no campo das ciências sociais.” (Maia, 2012, p. 369-70). A partir dessa taxonomia Maia concentra sua análise na derradeira fase de sua classificação e sugere: “[...] a recepção mais recente da obra de Guerreiro nos permitiu visualizar chaves interpretativas até então não muito exploradas.” (Maia, 2012, p. 283). E conclui: “[...] evidenciando o quanto a dinâmica das ideias em nossa sociedade pode ser entendida à luz de processos mais gerais que ocorriam não apenas nas periferias, mas na própria metrópole. Em tempos de realinhamento global e da ascensão dos ditos países emergentes, creio não haver tarefa mais urgente do que esta.” (Maia, 2012, p. 284).

Como Maia deixa claro, essa quarta e última fase de recepção da obra guerreiriana tem sido encabeçada, principalmente, por seus leitores da área de Administração e dos Estudos Organizacionais. Neste campo, os trabalhos mais citados do sociólogo baiano são: *A redução sociológica*, seus textos sobre *O homem parentético*, *Administração e contexto brasileiro* e, principalmente, *A nova ciência das organizações*. Assim, selecionamos estas obras e, ainda, o seu livro inaugural *O drama de ser dois*, sua derradeira *Entrevista* (CPDOC/FGV) e, obviamente, os recém revelados *Manuscritos* (inéditos), para comporem a amostra representativa da obra de Ramos, como *elos* de sua cadeia de pensamento. A Figura 1 resume essa corrente e as etapas de nossa viagem rumo ao metafórico rio de Rosa. Embarquemos, pois, nessa canoa e, de *elo* em *elo*, percorramos a cadeia *libertadora-salvacionista*<sup>12</sup> do pensamento de Alberto Guerreiro Ramos.

---

12 Sobre essa característica da Sociologia, *salvacionista* para Mario de Andrade (1972), e *redentora* na obra de Guerreiro Ramos, ver Edson Bariani (2011).

Figura 1. A cadeia de ideias do pensamento de Guerreiro Ramos e seu ‘elo-chave’: o ‘parentetismo’ (1937-81)



Fonte: ilustração deste ensaísta

### Elo 0: Construindo a canoa - O drama de ser dois (1937)

*O drama de ser dois* revela um escritor em busca de si próprio; como fica claro já em sua dedicatória: “A Nicolas Berdiaev, através de cujas obras cheguei ao Cristo e a todos os homens que se procuram” (Ramos, 1937, p. 5).

Na já mencionada entrevista concedida ao CPDOC/FGV, alguns meses antes de sua morte, Ramos fala desse seu primeiro livro e do eu poético dessa coletânea de poesias (Ramos, 1981apud Oliveira, 1985):

O drama de ser dois é um livro em que eu confesso o meu desconforto permanente com o mundo secular. Nesse poema eu me descrevia como uma espécie de pessoa entre dois mundos que eu não sabia definir. E ainda hoje acho que esse é um traço fundamental do meu perfil; eu não pertenço a nada. Não pertenço a instituições, não tenho fidelidade a coisas sociais; tudo o que é social, para mim, é instrumento. [...]

De modo que esse livro é um livro seminal. Não tem o mérito intrínseco. Poeticamente, não vale nada. Mas é realmente uma expressão do que eu sempre fui. Em inglês existe uma expressão: *in between-ners*. Estou sempre *in between*. (Oliveira, 1985, p. 134, *sic*).

De alguns dos versos colhidos desse poema e dos destaques (negrito) que neles faço é possível antever traços do *parentetismo* do autor que então se partejava. Vejamos como:

1. Um ser consciente de sua rebeldia, como síntese dialética de sua própria condição humana:

#### O canto da rebeldia

O meu canto é o canto da **rebeldia**  
Sou rebelde porque sou humano.  
Sou rebelde porque sou dócil. (Ramos, 1937, p.7 a 9)

2. Que procura incessantemente a síntese dessa dialética:

#### O canto da noite

Gosto do **silêncio ontológico** da noite.  
**A noite me liberta** da angústia  
**De sentir dois homens em mim.** (Ramos, 1937, p. 21)

3. Um homem descontente com o outro e consigo mesmo. A consciência (“heroica”) de viver entre desiguais:

#### Poema da crença que não pode ser

Eu ando **descontente de mim mesmo**  
**E dos meus semelhantes.**  
Que **heroísmo** exijo de mim,  
Para viver entre eles! (Ramos, 1937, p. 25)

4. Um ser em luta permanente contra a rotina e os hábitos de uma vida instrumentalizada e contra as cadeias que o aprisionam, que o embaraçam e o impedem de criar-se a si próprio, de viver plenamente:

#### A luta contra o anjo

Esse eu que, às vezes,  
Quando consegue vencer  
Toda a rotina,  
Todas as taras,  
Todos os hábitos,  
Que me predem como cadeias,  
Que me embaraçam,  
Impossibilitando-me de ser, [...]  
Como Prometeu,  
Quero criar-me a mim mesmo. (Ramos, 1937, p. 26 a 28, *sic*)

5. Um pensador em *suspensão*:

#### Nostalgia angélica

Eu sou um peregrino do Absoluto,  
Estrangeiro que passa [...]  
Minha pátria não é esta. (Ramos, 1937, p. 31)

6. Um homem que adquire a consciência do grau da renúncia de viver, sem tempo para refletir sobre o que é viver e o sentido de viver:

#### O poeta e o mundo

Ó homens de todas as nações,  
De todos os quilates,  
Ajoelhados diante dos fantasmas  
Creados por vossa própria soberba. [...]  
Vós viveis [...]  
Os homens preocupados

Que nunca tiveram tempo  
 De se perguntar  
 Porque vivem  
 E para que vivem... (Ramos, 1937, p. 43 a 45, *sic*)

Seria, então, possível ler no perfil do poeta de *O drama de ser dois* os traços psicológicos do *homem parentético*, então nascente?

É o que tentaremos sustentar a seguir buscando ler na *alma* revelada (eu poético de Guerreiro Ramos) esses traços do homem que realiza *A redução sociológica* e o *parentetismo* presente em toda a cadeia criativa da obra do autor.

Assim, concluída a construção de nossa *canoa* roseana, embarquemos em busca da *terceira margem do rio* do poeta que se fez sociólogo com a mesma determinação de quem abandona as sombras da caverna e descobre o mundo real (Platão, 1976 [Aparecimento da obra: 375-4? A. C.]), ou como Alonso Quijano ao firmar o pé no estribo e galgar a cela do seu Rocinante para transformar-se no fidalgo dom Quixote de La Mancha (Cervantes, 1978 [1605-1615]), ou, ainda, como o Sr. Béranger clamando, perplexo e inconformado com a *rimoncerontite* que grassava em sua vila, transformando seus habitantes naqueles paquidermes perissodáctilos: “Contra todo o mundo, eu me defenderei! Eu me defenderei contra todo o mundo! Sou o último homem, hei de sê-lo até ao fim! Não me rendo!” (Ionesco, 1959).<sup>13</sup>

#### *Elo I: Embarcando - A redução sociológica (1958)*

*A redução sociológica* foi publicada originalmente duas décadas após a ideia de estar em *suspensão* (*atitude parentética*) ser revelada na criação do poeta. À sua 1ª edição seguiram-se mais duas outras (em língua portuguesa): 2ª edição (corrigida e aumentada), Tempo Brasileiro, 1965 e 3ª edição, Editora UFRJ, 1996; além de – pelo menos – uma versão para o espanhol traduzida por Oscar Uribe Villegas e publicada pela *Universidad Nacional Autónoma de México* ainda em 1959.

---

<sup>13</sup> Optei pela transcrição das palavras do personagem principal da peça *Rhinocéros* na sua versão para o português (Walmor Chagas, 1961), muito mais forte do que a versão original francesa: “*Hélas, jamais je ne deviendrais rhinocéros, je ne pouvais plus changer. Je n’osais plus me regarder. J’avais honte. Et pourtant, je ne pouvais pas, non, je ne pouvais pas.*”

Do mesmo modo como a ontologia guerreiriana se esboça no canto do poeta parentético de *O drama de ser dois*, seu método de análise é postulado em *A redução sociológica* (para alguns sua obra mais polêmica e importante). Vejamos como:

Já no *Prefácio* de sua segunda edição o autor destaca:

Podemos, no entanto, salientar três sentidos básicos da redução sociológica. Tais são:

- 1) Redução como método de **assimilação crítica** da produção sociológica estrangeira [...].
- 2) Redução como **atitude parentética**, isto é. como **adestramento cultural do indivíduo, que o habilita a transcender**, no limite do possível, os condicionamentos circunstanciais que conspiram contra a sua expressão livre e autônoma. [...]. Em nosso livro *Mito e verdade da revolução brasileira*, no capítulo *Homem parentético*, focalizamos analiticamente esse aspecto, que pretendemos reexaminar em outra oportunidade.
- 3) Redução como **superação** da sociologia nos termos institucionais e universitários em que se encontra. [...]. (Ramos, 1965, p. 15-16, negritos deste ensaísta).

Assim, fica claro nos excertos extraídos e destacados do discurso do autor a cadeia de pensamento que se vai formando e cujo *elo-chave* é, como já sugerido, a ideia de parentetismo (homem, atitude e, como veremos mais adiante, arranjo social).

Em reforço à afirmação de que *O drama de ser dois* e *A redução sociológica* efetivam a improvável interdiscursividade do canto do poeta com a atitude do sociólogo do método da *redução*, Benedito Nunes, no *Prefácio* da edição em espanhol d' *A redução sociológica*, reforça a ideia de que os meus destaques feitos nos versos do primeiro livro e aqueles do segundo de Ramos, convergem para o *parentetismo* husserliano e, como antes afirmei, vão revelando o *elo-chave* daquela cadeia de pensamento:

*La reducción es consecuencia de la actitud fenomenológica determinada pela epoke. Con la suspensión de la realidad natural, epoke, conquistamos, dice Husserl, aquel dominio amplio que Descartes non quiso o no pudo explorar: el dominio de la conciencia y de sus*

*vivencias, que aparecen con objetividad y que, para el fenomenólogo, deben ser consideradas así como aparecen. El transcurso de las vivencias nos ofrece los fenómenos por sí mismos, en su puro acontecer, ya desligados de la percepción natural de las cosas, puesta entre paréntesis, pero no demitida.* (Nunes, 1959, p. 42-3).

## Elo 2: Recolhendo o ferro - Mito e verdade da revolução brasileira (1963)

No capítulo “Homem-Organização e Homem-Parentético”, do seu livro *Mito e verdade da revolução brasileira* – “o livro proibido de Guerreiro Ramos”<sup>14</sup>, e nos trabalhos que se seguem: 1. *The parenthetical man (an antropological approach to organization design)*, apresentado à Conferência Anual da *American Society for Public Administration (ASPA)*, em Denver, Colorado, EUA, em 1971; 2. *The parenthetical man*, publicado no *Journal of human relations* (1971); 3. *Models of man and administrative theory*, divulgado inicialmente em *Public Administration Review*, Washington, D C, Vol. 32, N. 3, mai/jun 1972, p. 241-6; 4. capítulo com esse mesmo título republicado em Houghthon, V.; McHugh, R.; Morgan, C. *Management in education: the management of organizations and individuals*. London: The Open University Press, 1975; 5. mais tarde traduzido para o português por Tânia Fischer e Mafalda Elizabeth Schmid e publicado na *Revista de Administração Pública da FGV* (abr/jun, 1984) com o título *Modelos de homem e Teoria Administrativa*; 6. republicado na Austrália, com o título: *Models of man and administrative theory. In: Introduction to educational administration*, Victoria: Eakon University Press, 1981; Guerreiro Ramos escreveria, quiçá, sua obra mais difundida e popular.

É refletindo sobre o perfil e a atitude do homem que emergia, então, da nova sociedade – sucessora, na visão do autor das organizações centradas no mercado – que Guerreiro Ramos constrói o *elo-chave* de toda a sua contribuição teórica para os Estudos Organizacionais: o seu *homem parentético*, isto é, aquele que orienta as suas ações/inações com base na racionalidade que Mannheim (1940) denomina *substantiva*” e que Voegelin (1963) chama de *noética*, em substituição à racionalidade *pragmática* ou *instrumental* dos manuais pioneiros da Teoria Administrativa.

<sup>14</sup> Como já referido, o deputado G. Ramos teve os seus mandato e direitos políticos cassados pelo golpe empresarial-militar de 1964, passando essa obra e seu *sugestivo* título a integrar o *index*. dos textos proibidos pela ditadura militar do longo período que, então, se iniciava.

Curiosamente, quando da proposição do seu *homem parentético* – obra antes mencionada (Ramos, 1963) –, Guerreiro Ramos não faz qualquer menção à ideia de *suspensão*, de *estar entre parênteses* ou à *epoke* de Husserl, conceitos estes centrais no livro *A ideia da Fenomenologia* (*Die Ideen der Phänomenologie*, 1907) daquele matemático e filósofo nascido na Morávia e considerado o “pai da Fenomenologia”. Este fato é ainda mais intrigante porque, como registram seus biógrafos e contemporâneos, Ramos era um intelectual bem-informado, atualizado com a bibliografia de sua época, especialmente com a literatura europeia, de vasta cultura geral, conhecedor dos clássicos e que lia no idioma de Goethe (Martins, 2017; 2019).

Por outro lado, esse aparente esquecimento de uma referência teórica fundamental para a construção do seu modelo de homem nas “sociedades industriais avançadas” – segundo Ramos – é sanado nos textos seguintes, quando o autor expande sua análise sobre as atitudes e o perfil do ser que emerge da sociedade pós-organizacional (no sentido de White, 1957), no já citado trabalho *The parenthetical man*, divulgado pela *American Society for Public Administration (ASPA)*, em 1971, em sua versão para o português:

De fato, o adjetivo “parentético” é derivado da noção de Husserl de “em suspenso” e “parênteses”. Husserl faz uma distinção entre atitude crítica e natural. A primeira<sup>15</sup> é aquela do homem “ajustado”, desinteressado da racionalidade noética e aprisionado em seu imediatismo. A atitude crítica suspende ou coloca entre parênteses a crença no mundo comum, permitindo ao indivíduo alcançar um nível de pensamento conceitual e, portanto, de liberdade. (Ramos, 1984, p. 7-8).

Desse modo, fica evidente a interpretação do *homem parentético* (*em suspensão*) de Guerreiro Ramos como realizador da *epoke*<sup>16</sup> de Husserl, quando este autor afirma, na sua *redução fenomenológica*, que a estrutura da consciência implica na distinção entre ato de consciência e o fenômeno estudado (o objeto-em-si, transcendente à consciência). Desse modo,

<sup>15</sup> Neste ponto o texto apresenta uma falha de revisão. A frase deveria ser “A segunda (atitude natural) é aquela do homem ajustado...”

<sup>16</sup> Para os antigos cétricos *epoke* significava *colocar em suspensão*.

o conhecimento das essências só seria possível se colocarmos entre parênteses todos os pressupostos relativos à existência do mundo externo. Assim, a realidade mental e espiritual refletiria a sua própria realidade, independentemente de qualquer manifestação física e, a ciência do espírito (*Geisteswissenschaft*), deve ser estabelecida sobre um fundamento tão científico como aquele alcançado pelas ciências naturais. (Husserl, 1989 [1<sup>a</sup>. ed.: 1907]).

Ainda sobre essa questão, cumpre ressaltar que os fundamentos do pensamento do autor de *O drama de ser dois* e de suas obras epígonas parecem oscilar, pendularmente, entre as influências da fenomenologia de Husserl e as várias interpretações “idealistas” do conceito de *noema*<sup>17</sup> (de Husserl) e o complexo pensamento de Berdiaev, principalmente a sua noção de *liberdade* e seu fundamento na “filosofia espiritual” e no *Ungrund* de Jacob Böehme.<sup>18</sup>

Entretanto, é fato inquestionável que Guerreiro Ramos confessa ter sofrido uma forte influência de Berdiaev, desde a dedicatória de sua primeira obra: “A Nicolas Berdiaev [...]”, citada anteriormente, até o seu último depoimento público, prestado ao CPDOC/FGV: “Não há realmente nenhuma influência mais poderosa na minha vida do que a de Berdiaev” (Ramos, 1981 apud Oliveira, 1985, p. 135).

Não é objetivo deste ensaio explicar o complexo pensamento do autor de *Mito e verdade da revolução brasileira*. Sobre este tema, vale à pena consultar a bibliografia de Ariston Azevedo<sup>19</sup> e, em especial, sua brilhante tese de doutoramento (2006).

Resumidamente, são as seguintes as características do “homem parentético” de Ramos:

**O homem parentético é [...] um reflexo das novas circunstâncias sociais, [...] perceptíveis nas sociedades industriais avançadas, como os EUA [...]. [e que manifesta a] capacidade psicológica que Robert Lane chama diferenciação, entre o ego do ambiente externo e o ego**

17 Para Husserl noema seria o “aspecto objetivo da vivência” sendo este um fenômeno muito complexo e cuja interpretação filosófica, comporta diferentes leituras, entre estas as: “fregeana”, “neo-fenomenalista” e “como objeto entre parênteses”.

18 A ideia de *ungrund* expressaria a “verdade fundamental sobre a existência”, incapaz de ser objetivamente revelada. Para aprofundamento neste conceito ver: Azevedo; Albernaz, 2021.

19 Ver *Referências* deste ensaio.

do ambiente interno [...] o] que lhes possibilita perceber as suas respectivas sociedades como arranjos precários. [...]

[Dotado] da capacidade de excluir-se tanto do ambiente externo quanto do interno [...] e] desta forma, de examiná-los com visão crítica [...], capacidade essa claramente *parentética*. De fato, a exclusão equivale aqui a incluir, a colocar o ambiente *entre parênteses*. [...]

Está apto a graduar o fluxo de vida diário, para analisá-lo e avaliá-lo como expectador. [...]

Ele tenta deliberadamente romper as suas raízes; é um estranho em seu próprio meio social, de maneira a maximizar sua compreensão da vida. [...]

Os *homens parentéticos* prosperam quando termina o período de ingenuidade social. Por esta razão, o que Lane chama de “sociedade informada” é o ambiente natural do *homem parentético*. (RAMOS, 1984, p. 8, grifos deste ensaísta).

Em trabalho anterior (Martins, 2018), ao contrapor o conceito de *homem parentético* de Guerreiro Ramos (1963) com o de *homo legens* de Bolívar Echeverría (2010), encontro nesses dois modelos de homem uma certa convergência, quiçá, dado à característica comum de ambos serem emergentes de grandes transformações sociais, como “a revolução gutenberguiana” e a “sociedade informada” de Lane (1966).

*Elo 3: Fluindo no mesmo lugar - Administração e estratégia do desenvolvimento: elementos de uma Sociologia especial da Administração (1966)*

Neste *elo* da cadeia de pensamento formada pelas obras de Ramos mais citadas entre os pesquisadores de Estudos Organizacionais, o qual, mais tarde, seria republicado – *post mortem* do autor – com o título *Administração e contexto brasileiro: esboço de uma Teoria Geral da Administração* pela Editora da FGV (1983), Guerreiro Ramos refere-se uma única vez à ideia de *redução sociológica* – nas 366 páginas que compõem a 2ª ed. deste livro – ao analisar a contribuição de Silvio Romero à crítica literária brasileira, em sua obra: *O problema nacional brasileiro* (1914): “... [é] na obra de Silvio Romero, que se encontra em germe o que posteriormente se chamará de *redução sociológica*, isto é, em resumo, o recurso à experiência de outros povos, considerando-a subsidiária e não paradigmática, o uso

sociológico do patrimônio científico estrangeiro, por parte do cientista e do político brasileiro.” (Ramos, 1983, p. 264-5; [1.<sup>a</sup> ed.: 1966]).

Sobre essa obra do autor cumpre ainda destacar:

1. É seu último trabalho escrito no Brasil, após a cassação dos seus direitos políticos, e pouco antes de seu autoexílio nos Estados Unidos da América do Norte.
2. Nesse manual, feito para seus alunos da disciplina Sociologia do Curso de Administração Pública da EBAP/FGV (iniciado em 1952), o autor inaugura a utilização do Pensamento Social Brasileiro como referência de pesquisa na produção acadêmica nacional sobre Administração, pioneirismo este esquecido e abandonado por muito tempo e que inspira e fundamenta as pesquisas e os trabalhos científicos do Núcleo de Estudos de Administração Brasileira (ABRAS) no Departamento de Administração da Universidade Federal Fluminense (UFF), fundado em 1988 (22 anos após a publicação de *Administração e estratégia do desenvolvimento*, cuja 2.<sup>a</sup> ed. foi publicada 5 anos antes da criação desse grupo de pesquisa). Mais tarde (1992), a UFF introduziria a disciplina de Administração Brasileira como tema obrigatório na formação, em nível de graduação em Administração e, posteriormente (2010) passaria a oferecer as disciplinas Pensamento Social Brasileiro I e II como tema compulsório do seu Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGAd).
- 3.

Do pensamento vanguardista de Guerreiro Ramos temos ainda como legado, a sua contribuição pioneira nas disciplinas: Sociologia das Organizações, Teoria Crítica da Administração<sup>20</sup>, Administração Brasileira, além da Pensamento Social Brasileiro, ministradas nos cursos de formação acadêmica em Administração.

#### *Elo 4: Sozinho - Manuscritos / USC (inéditos) (1969-1973)*

Conforme informação dos tradutores dos manuscritos aqui analisados, estes datariam de dezembro 1969 a maio de 1972 e teriam sido

---

20 Sobre o pioneirismo brasileiro e, particularmente de Ramos, na proposição de uma *Teoria Crítica para a Administração*, ver: Paula (2007).

submetidos à apreciação de Eric Voegelin, autor de *The new Science of Politics: an introduction* (1952) – colega e referência na obra de Alberto Guerreiro Ramos. Entre as sugestões que este parecerista teria feito, sabe-se que a denominação *The new Science of Organizations*, finalmente adotada para o título do livro, teria sido formulada por Voegelin, quiçá inspirado em sua própria obra.

As transcrições dos cinco manuscritos ora revelados ao grande público – pela generosidade e o espírito acadêmico dos seus tradutores – integram um total de 36 páginas (A4, fonte 12, espaço simples), assim distribuídas:

- *Viagem Parentética I*, Los Angeles, Natal de 1969, 9 p. (Ramos, 2020a)
- *Viagem Parentética II*, Los Angeles, Natal de 1969 – janeiro de 1970, 11 p. (Ramos, 2020b)
- *Viagem Parentética III*, Los Angeles, janeiro de 1970, 9 p. (Ramos, 2020c)
- *O Diagrama Parentético*, Los Angeles, 16 de maio de 1972, 4 p. (Ramos, 2020d)
- *Esboço do livro O homem Parentético (II)*, 3 de abril de 1973, 3p. (Ramos, 2020e)

São muitas as diferenças entre esse *Esboço do Livro* e o texto editado pela *University of Toronto Press*, em 1981, revelando, assim, que os cerca de oito anos que os separam foram de intensa criação e aprofundamento do seu texto final.

No conjunto, esses manuscritos trazem um pouco da história da criação e do desenvolvimento dos conceitos propostos pelo autor.

A sustentação da tese aqui postulada de que o *elo-chave* da cadeia do pensamento do autor de *A nova ciência das organizações* está no seu conceito de *parentetismo* (homem, atitude e arranjo social) fica explícita nos citados *Manuscritos*, desde a proposição do seu título – *O homem parentético*, até o alcance de sua proposição central – *O Diagrama Parentético*, o qual, como veremos na parte final deste ensaio, é a *cellula mater* do *Paradigma Paraeconômico* da sociedade multidimensional que coroa a obra do mestre Guerreiro.

Finalmente, cumpre destacar que, especialmente no “Capítulo 7: O Homem Parentético e o Mundo” da “Breve Descrição da Introdução do Livro e seus Capítulos” desses manuscritos (Ramos, 2020e), o autor revela sua imaginação utópica a qual (no sentido mannheimiano)<sup>21</sup> parece estar presente no pano de fundo, de toda a sua criação científica, como sugerem Salgado e Abad (2015, p. 233):

[...] la reducción sociológica, el hombre parentético, la teoría de la delimitación de los sistemas sociales y la nueva ciencia de las organizaciones, puede comprenderse a la luz de los planteamientos respecto a la utopía como método de imaginación organizacional o la investigación sistemática de principios alternativos al ethos del mercado. La delimitación es un intento sistemático para superar el continuo proceso predominante de uniformizar tanto al ser humano como a la vida colectiva.

*Elo 5: A terceira margem do rio - The new science of organization: a reconceptualization of the Wealth of Nations (1981)*

Deixando-nos fluir (no mesmo lugar) nas águas do metafórico rio de Rosa, alcançamos, enfim, sua *terceira margem: Elo* final do conjunto das obras publicadas de Guerreiro Ramos.

Já no *Prefácio da edição brasileira* desse livro o autor declara o seu: “desconforto com a moderna ciência social e administrativa [...]” e: “[...] propõe a sua substituição por uma *nova ciência*, entendida essencialmente como teoria da delimitação dos sistemas sociais.” (RAMOS, 1981, p. XV, destaques do autor). Desse modo, desde suas páginas iniciais, fica clara a pretenciosa intenção de Ramos de propor um novo paradigma para as Ciências Sociais, ainda que esta intenção seja relativizada mais adiante com a observação: “[...] essa nova ciência tem existido milenarmente, e só é *nova* porque a sua tradição é ignorada nos meios acadêmicos tipicamente modernos.” (Ramos, 1981, p. XV).

---

21 Ver Mannheim (1986).

No ano seguinte à publicação dessa obra síntese (1982), também ano em que o autor viria a falecer, em um breve texto no estilo confessional denominado *Minha dívida a Lorde Keynes*<sup>22</sup>, Guerreiro Ramos, afirma:

Em julho de 1973, já havia delineado com razoável clareza o argumento do meu livro, *A Nova ciência das organizações* [...]. Mas logo em meus primeiros encontros com estudantes e professores senti que certas tonalidades conceituais de minhas preleções não eram de todo palatáveis a essa audiência. Muitos poucos as acatavam. A maioria de minha audiência era constituída de indivíduos céticos quanto á validade de minhas teses e de outros indivíduos que não escondiam o seu alarme em face do que lhes parecia uma pregação de iconoclastismo. [...] Foi nessas circunstâncias que, à busca de um mestre e patrono, recorri a Lord Keynes. (Ramos, 1982, p. 91).

Ainda que nesse mesmo texto Guerreiro ressalve suas discordâncias com as proposições teórica de Keynes sobre Economia em *Teoria geral do emprego, do juro e da moeda* (Keynes, 1936), ele confessa sua dívida ao autor desta obra pelos “ensinamentos de que carecia para praticar a arte da controvérsia acadêmica” (Ramos, 1982, p. 92), ensinamentos estes aprendidos em *Essays in persuasion* (Keynes, 1963). E acrescenta:

Em sua elaboração em língua inglesa [referindo-se ao seu *A Nova Ciência ...*], é evidente, de ponta a ponta, a influência do modelo retórico de Keynes. (Ramos, 1982, p. 92)

Deveria eu apresentar *A nova ciência* provida do máximo possível de ilustração factual de suas teses, ou deveria dar-lhe um caráter de discurso conceitual por excelência? O estudo da *Teoria geral* (elaborada por Keynes em alto grau de abstração) me convenceu de que a segunda diretiva seria mais aconselhada, e decidi firmemente segui-la. (Ramos, 1982, p. 93)

---

22 Originalmente divulgado nos *Cadernos EBAP* e, posteriormente, publicado na *Revista de Administração Pública*, em 1982.

Em resumo, *A nova ciência* deveria ser, tanto quanto possível, mero discurso teórico. (Ramos, 1982, p. 93)

Essa atitude, confessa e assumida pelo autor em *The New Science of Organizations* – dirigido, especialmente, ao campo dos Estudos Organizacionais, cujo *mainstream* é marcadamente de viés funcionalista – revela o estado de pleno atingimento da condição *parentética* (rompimento com as suas raízes; tornar-se estranho no seu próprio meio social; maximizar sua compreensão da vida), estado este de abstração total ou, melhor dizendo, de rompimento com a *política cognitiva*<sup>23</sup> do agir instrumental. Ou, metaforicamente falando, de alcance da *terceira margem do rio roseano*.

Comparando o conteúdo de *A nova ciência* (1981) com o *Esboço do livro O homem parentético (II)* (2020e [1973]), enviado a Eric Voegelin para apreciação e sugestões, fica evidente que não só o seu título original foi alterado – por sugestão do próprio Voegelin e inspiração do autor no clássico *A riqueza das nações* – como, também, foram ampliados os seus roteiro, número de capítulos e conteúdo geral do livro. Todavia, e como expressamente confessa seu autor no mencionado *Prefácio*: “Nos estudos que realizei no Brasil, antes de radicar-me nos EUA já eram perceptíveis as *linhas mestras do pensamento* sistematicamente articulado neste livro.” (Ramos, 1981, p. XVI, destaques deste articulista). E, listando esses “estudos” cita entre suas obras aqui analisadas como *elos* importantes dessa cadeia (*linhas mestras do seu pensamento*): *Mito e verdade da revolução brasileira* (1963) – onde parteja a ideia do seu *homem parentético* – e, nas palavras do próprio autor: “Particularmente significativa na minha trajetória intelectual é *A redução sociológica*, cuja primeira edição é de 1958”. (Ramos, 1981, p. XVI), trabalho este, como já vimos, onde um dos três “sentidos básicos” de sua metodologia é a ideia de *redução como atitude parentética*.

Por outro lado, a grande novidade que *The new Science of Organizational* traz é sua *abordagem substantiva da organização*, com a proposição de uma *Teoria Delimitadora dos Sistemas Sociais*; e seu, quiçá utópico, *Paradigma Paraeconômico*.

---

23 A expressão “política cognitiva” é do próprio Guerreiro Ramos e refere-se ao “uso consciente ou inconsciente de uma linguagem distorcida, cuja finalidade é levar as pessoas a interpretar a realidade em termos adequados aos interesses dos agentes diretos e/ou indiretos de tal distorção”. (Ramos, 1981, p. 87).

*Elo 6: Lançando o ferro - Entrevista com Guerreiro Ramos (CPDOC/FGV, 1981)*

Não é trivial a oportunidade de ouvir, poucos meses antes do desaparecimento de um autor, o seu depoimento sobre sua vida e criação. É precisamente esta rara oportunidade que a entrevista de Alberto Guerreiro Ramos concedida ao CPDOC/FGV (1981) e conduzida por Alzira Alves de Abreu e Lucia Lippi Oliveira, nos oferece.

Em um longo depoimento, posteriormente transcrito e publicado nas 53 páginas finais de *A Sociologia do Guerreiro* (Oliveira, 1995), confirma-se a tese de que é na ideia de *parentetismo* (homem, atitude e arranjo social) que se encontra o *elo-chave* da criativa cadeia de pensamento da fecunda obra guerreiriana.

De fato, como categoria que atravessa todo o discurso daquele autor nessa sua derradeira fala pública, o *parentetismo*, suas referências teóricas e os pensadores que o inspiram se sucedem.

Ao responder à primeira pergunta de suas entrevistadoras (“sobre sua formação intelectual”), Guerreiro Ramos destaca a influência que os filósofos do existencialismo libertário cristão como, por exemplo Jacques Maritain, exerceram no seu pensamento. Por outro lado, ao referir-se ao seu primeiro livro publicado (*elo zero* da cadeia deste ensaio): *O drama de ser dois*, o autor manifesta reconhecer em si próprio os traços fundamentais do seu *homem parentético*, ao mesmo tempo em que destaca a “seminalidade” desse trabalho no conjunto de sua obra (Oliveira, 1995, p. 134), bem como a influência que esta sofreu do pensamento libertário cristão de Nicolas Berdiaev. Sobre este último, afirma: “Não há realmente nenhuma influência mais poderosa em minha vida do que a de Berdiaev” (Oliveira, 1995, p.135).

Ao longo das mais de meia centena de páginas da transcrição dessa entrevista, Guerreiro Ramos cita algumas de suas mais importantes referências teóricas. Sempre muito crítico – como o seu *homem parentético* –, algumas vezes o depoente é impiedoso com o pensamento de seus colegas da Academia, especialmente com a Sociologia que então se fazia no Brasil. É verdade que Guerreiro também revela a sua admiração por poucos autores como: Euclides da Cunha, Silvio Romero, Alberto Torres, Oliveira Vianna etc. (entre os nacionais) e Weber, Ortega e Gasset, Voeglin, Mannheim etc. (entre os estrangeiros), sempre evidenciando seu profundo

desconforto com os caminhos que o Brasil e a Academia vem trilhando, chegando mesmo a afirmar que a “cidade do Rio de Janeiro é pura entropia”<sup>24</sup>. (Oliveira, 1995, p. 178).

Entretanto, sobre suas obras mais lidas e selecionadas para compor a cadeia do seu pensamento neste ensaio, o mestre Guerreiro menciona, nesse depoimento, apenas duas ou três vezes a sua *Redução Sociológica* e somente uma vez o livro onde postula sua ideia de *homem organizacional* e *homem parentético*, sem aprofundar-se sobre esses conceitos.

Quando interpelado por Lucia Lippi sobre se haveria uma *linha mestra* que guiaria os seus trabalhos, sua resposta é categórica: “Existe uma *linha mestra*, que é a minha *postura existencial*.” (Oliveira, 1995, p. 173, destaques deste articulista). O que parece confirmar a tese da centralidade do *parentetismo* na cadeia do seu pensamento.

Finalmente, e encerrando suas palavras nessa mesma entrevista, Guerreiro Ramos clama: “Alguém tem que fazer um estudo sobre mim. E tem que ter uma pálida ideia do que está por trás desse negócio que eu fiz.” (Oliveira, 1995, p. 183).

Na dúvida sobre o que Guerreiro Ramos e sua ácida, mas muito lúcida crítica, pensariam dessa nossa busca pelo *elo-chave* do seu pensamento, fechamos esta análise sobre a criação literária de um dos mais ativos e polêmicos pensadores sobre a realidade brasileira e o enfrentamento de suas insuportáveis iniquidades.

### **Fim da viagem**

Nessa viagem (que não tem fim) – em que nos deixamos fluir pelo pensamento de Guerreiro Ramos, metaforicamente guiados pelo rio de Guimarães Rosa, chegamos ao *elo* final da cadeia formada pelo conjunto de sua obra com a convicção de que o *elo-chave* dessa cadeia de pensamento está no conceito guerreiriano de *parentetismo* (homem, ato, teoria e arranjo social), convicção esta a que também chegou Ariston Azevedo,

---

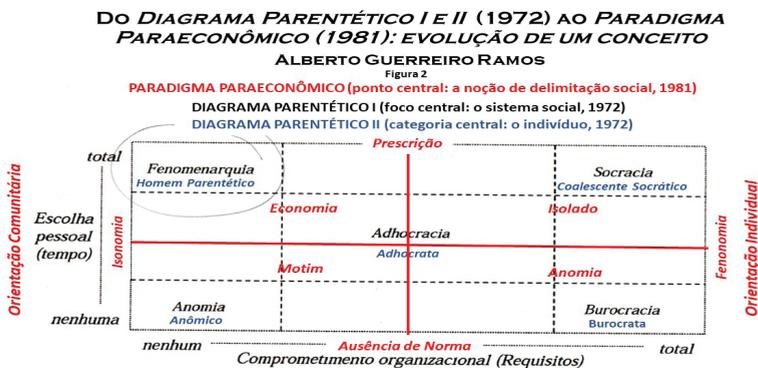
<sup>24</sup> Em um trabalho anterior (MARTINS, 2017) sugiro que há na visão guerreiriana do futuro algo de profético. Em 1981, quando o autor fez esse depoimento ao CPDOC/FGV, ainda não conhecíamos a tristíssima realidade de um Estado que teve os seus cinco últimos governadores eleitos – todos – processados, presos e/ou condenados e um submetido ao processo de *impeachment*.

em sua brilhante tese de doutoramento: *A Sociologia Antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos* (2006).

Os manuscritos (inéditos) do velho Guerreiro, ora revelados, justapostos às obras aqui brevemente analisadas e à entrevista concedida ao CPDOC/FGV (Oliveira, 1995) poucos meses antes da morte do autor, confirmam, em suas próprias palavras a impressão que teria ficado em mim das primeiras leituras que fiz da obra do pai da *Teoria da delimitação dos sistemas sociais*.

Finalmente, do esforço interpretativo aqui feito para compreender a evolução das ideias guerreirianas de *Delimitação dos sistemas sociais*, do *Paradigma Paraeconômico*, do *Homem parentético*, da forma como a *política cognitiva* da sociedade unidimensional centrada no mercado, com suas estruturas *buroadocráticas*, suportadas por uma Ciência Social hobbesiana (ingênua) e impotente para a realização (*atualização*, na expressão de Guerreiro) do ser humano em toda a sua complexidade, resultou a Figura 2 (abaixo) nos três momentos de sua criação, a saber: 1. Foco central no sistema social; 2. O que tem como categoria central o indivíduo e 3. Em que seu ponto central é a noção de delimitação social.

Figura 2. Dos ‘Diagramas Parentéticos I e II’ (1972) ao ‘Paradigma Paraeconômico’ (1981): Evolução de uma ideia



Fonte: ilustração deste ensaísta, baseada em Ramos, 1973; 1981.

Nessa figura, para maior facilidade de análise, superpus os *Diagramas Parentéticos I e II* de Ramos [respectivamente: foco no sistema social (*Diagrama I* em negro), e *Diagrama II*, tendo como categoria central o indivíduo (em azul), 1972] ao *Paradigma Pareconômico* de seu último trabalho [em vermelho (1981)], evidenciando, deste modo, mais uma vez, a ideia do *homem parentético* como *categoria central* na construção desses modelos. Assim, a ideia de *parentetismo* também articula, fortemente, as ideias propostas nesses rascunhos (*Manuscritos* inéditos) preliminares e na versão final da derradeira obra do autor: *A Nova Ciência das Organizações*.

Em um trabalho futuro pretendo aprofundar e discorrer melhor sobre essa Figura 2, e como esta pode ser um auxiliar didático para traduzir o discurso guerreiriano àquela sua “audiência [...] constituída de indivíduos céticos quanto à validade de [suas] teses e de outros indivíduos que não [escondem] o seu alarme em face do que lhes [parece] uma pregação de iconoclastismo.” (Ramos, 1982, p. 91).

Em uma cadeia de ideias, seu *elo-chave*, por se replicar nos demais, é capaz de fechá-la, circularmente. Assim parece ser o conjunto da obra de Guerreiro Ramos. É preciso sempre retornar a ela, como também ao nosso próprio *homem parentético*, em busca de nossa recriação, para que não estejamos condenados a viver:

Ajoelhados diante dos fantasmas  
Criados por [nossa] própria soberba [...]  
Preocupados  
[Sem] nunca [ter] tempo  
De [nos] perguntar  
Porque [vivemos]  
E para que [vivemos]...  
(Ramos, 1937, p. 43-5, *sic*).

## Referências

AZEVEDO, Ariston; ALBERNAZ, Renata O. A concepção de pessoa humana na Filosofia de Berdyaev. In: Congresso Internacional de Filosofia Moral e Política, 4, 2015, Pelotas, RS. *Anais...* Pelotas: UFPEL, 2015, p. 1-23. Disponível em: <http://cifmp.ufpel.edu.br/anais/2/cdrom/mesas/mesa8/01.pdf>. Acesso em: 19/02/2021.

- AZEVEDO, Ariston. *A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*. 2006. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006a.
- AZEVEDO, Ariston; ALBERNAZ, Renata. O. A antropologia do Guerreiro: a história do conceito de ‘Homem Parentético’. *Cadernos EBAPE.BR*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 1-19, outubro 2006b.
- BARIANI, Edison. *Guerreiro Ramos e a redenção sociológica: capitalismo e sociologia no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- BARIANI, Edison. Guerreiro Ramos: uma sociologia em mangas de camisa. *Caos - Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, n. 11, p. 84-92, outubro 2006.
- CANDLER, Gaylord G.; VENTRISS, Curtis. Symposium – The destiny of theory: Beyond The New Science of Organizations. *Administrative Theory and Praxis*, v. 28, n. 4, p. 495-500, december 2006.
- CERVANTES, Miguel de C. S. *Dom Quixote de la Mancha*. Trad.: Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1.<sup>a</sup> ed.: 1605-15].
- COSTA, Frederico L. da. Levantamento bibliográfico. In: Revista de Administração Pública. *Simpósio Guerreiro Ramos: resgatando uma obra*. Rio de Janeiro: FGV, v. 17, n. 2, pp. 155-176, abr./jun. 1983.
- HUSSERL, Edmund. *A ideia da Fenomenologia*. Trad.: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989 [1.<sup>a</sup> ed.: 1907].
- IONESCO, Eugène. *O rinoceronte*. Disponível em: <<https://cultura.ma.gov.br/wp-content/uploads/2019/11/O-RINOCERONTE-EUG-C3%88NE-IONESCO.pdf>>. Acesso em: 13/02/21.
- IONESCO, Eugène. *Rhinocéros*. Paris: Gallimard, 1959.
- KEYNES, John M. *Essays in persuasion*. New York: W. W. Norton, 1963.
- KEYNES, John M. *General theory of employment, interest, and money*. New York: Harcourt, 1936.
- LANE, Robert. E. The decline of politics and ideology in a knowledgeable society. *American Sociological Review*, oct. 1966.
- MAIA, João M. Reputações à brasileira: o caso de Guerreiro Ramos. *Sociologia & Antropologia*, v. 2, n. 4, p. 265-291, 2012.
- MANNHEIM, Karl. *Ideologia e utopia*. Trad.: Sérgio M. Santeiro. 4.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986; [1.<sup>a</sup> ed.: 1960].
- MARTINS, Paulo E. M. Alberto Guerreiro Ramos: um homem parenté-

- tico. In: CAVALCANTI, Bianor. S.; COSTA, Frederico L. da (orgs.). *Guerreiro Ramos: entre o passado e o futuro*. Rio de Janeiro: CFA: FGV Editora, 2019, p. 105-118.
- MARTINS, Paulo E. M. El hombre, el ‘espacio-dinámica organizacional’ y la sociedad informada: un diálogo entre Guerreiro Ramos y Bolívar Echeverría. In: ARAQUE, Wilson (ed.). *Administración y pensamiento social*. Quito: ABRAS: EPN: CEN: UASB, 2018. p. 45-64.
- MARTINS, Paulo E. M. Alberto Guerreiro Ramos: um homem parentético. *Prêmio Alberto Guerreiro Ramos de Pesquisa 2017*. Brasília: CFA, 2017.
- MISSAGGIA, Juliana. As diferentes interpretações para o noema husserliano. In: Semana Acadêmica do PPG em Filosofia Da PUCRS, 13, 2014, Porto Alegre, RS. *Anais...* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p. 1-14. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/XIII/14.pdf>>. Acesso em: 25/02/2021.
- NUNES, Benedito. Prefacio. In: GUERREIRO-RAMOS, Alberto. *La reducción sociológica* (Introducción al estudio de la razón sociológica). México: UNAM, 1959. p. 35-55.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A Sociologia do Guerreiro*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- PAULA, Ana P. P. de. Guerreiro Ramos: resgatando o pensamento de um sociólogo crítico das organizações. *Organização & Sociedade*, Salvador, v. 14, n. 40, p. 169-187, jan./mar. 2007.
- PLATÃO. *A República, Livro VII*. Diálogos (Vols. VI – VII). Trad.: Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará, 1976 [Aparecimento da obra: 375-4? A. C.], p.285-319.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética I: Fenomenologia e Ciência Social. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 13-24, 2020a.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética II – o homem inventa a si próprio ou rumo a uma Teoria do Encontro Parentético. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 25-39, 2020b.
- RAMOS, Alberto G. Viagem Parentética III: A perda da inocência ou Por uma Ciência Social Pós-Fenomenológica. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 40-52, 2020c.
- RAMOS, Alberto G. O diagrama parentético. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 53-57, 2020d.

- RAMOS, Alberto G. Esboço do livro *O Homem Parentético (II)*. *Revista Brasileira de Administração Política - REBAP*, v. 13, n. 1, p. 60-63, 2020e.
- RAMOS, Alberto G. *The new science of organization: a reconceptualization of the Wealth of Nations*. Toronto: University of Toronto Press, 2018 [1.<sup>a</sup> ed.: 1981].
- RAMOS, Alberto G. *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho*. Brasília: Conselho Federal de Administração, 2009. [Tese apresentada ao DASP, 1949].
- RAMOS, Alberto G. Modelos de homem e teoria administrativa. *Revista de Administração Pública - RAP*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 3-12, abr./jun. 1984.
- RAMOS, Alberto G. *Administração e contexto brasileiro: esboço de uma teoria geral da Administração*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1983.
- RAMOS, Alberto G. Minha dívida a Lord Keynes. *Revista de Administração Pública - RAP*, v. 16, n. 2, p. 91-95, abr./jun. 1982.
- RAMOS, Alberto G. *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da Riqueza das Nações*. Trad.: Mary Cardoso, Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.
- RAMOS, Alberto G. *A redução sociológica: introdução ao estudo da razão sociológica*. 2.<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965 [1.<sup>a</sup> ed.: 1958].
- RAMOS, Alberto G. *Mito e verdade da revolução brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.
- RAMOS, Alberto G. *O drama de ser dois*. S/l: s/e, 1937.
- ROSA, Guimarães. A Terceira margem do rio. In: ROSA, Guimarães. *Primeiras histórias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- SALGADO, Francisco; ABAD, Andrés. Utopía como imaginación organizacional en el pensamiento crítico de Guerreiro Ramos. *Cadernos EBAP.EBR*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 220-236, abr./jun. 2015.
- SOUZA, Roberto A. de. *Formação da teoria da literatura: inventário de pendências e protocolo de intenções*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico; Niterói: Eduff, 1987.
- VOEGELIN, Eric. Industrial society: In search of reason. In: ARON, Raymond (ed.). *World technology and human destiny*. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1963.

WHITE, Jr. *The organization man*. Garden City: Doubleday, 1957.  
WIKIPÉDIA. *Edmund Husserl*. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund\\_Husserl](https://pt.wikipedia.org/wiki/Edmund_Husserl)>. Acesso em: 25/02/2021.

Este ensaio é dedicado à  
*Aninha*,  
que há de chegar no alvorecer  
do *homem parentético* e da  
*paraeconomia*.

Nova Friburgo, 6 de março de 2021

*Paulo Emílio*